

## Experiências estéticas na “Educação Artística” francesa:

### A mediação teatral articulada em parcerias

Prof. Dr. Jose Mauro Barbosa Ribeiro (UnB/Artes).

Os espectadores que se reúnem no teatro não são tão indiferenciáveis; configuram um coletivo de indivíduos em convivência. Representam a coexistência de singulares num ambiente “democrático”. A reunião dos espectadores como ato político é uma reunião voluntária fundada sobre as diferenças dos indivíduos e não sobre sua homogeneização [...]; assemelha-se à convocação de uma assembléia livre onde figura uma comunidade consciente de si e capaz de decidir seu destino coletivo, por isso democrática. (Cecato, 2008, p.151)

O texto que elaboramos versa sobre mediação cultural, temática que permeou as investigações contidas na minha tese de doutorado defendida na Escola de Teatro da UFBA (2011) com o título: “Assim no Teatro como na Vida: experiência estética, leitura de mundo e consciência cidadã. ”

Tendo como pressuposto básico de pesquisa, o fenômeno teatral como agente catalisador de convivência e do diálogo no processo de ensino aprendizagem artístico, realizamos em instituições culturais e escolares de Paris (França), uma investigação sobre experiências de mediação teatral em curso nesse país, que servissem de cotejamento e viabilização das propostas apresentadas na tese.

Para isso, partimos de algumas questões que permearam e conduziram o eixo conceitual de nossa investigação sobre a temática abordada:

Quais as visões implícitas evidenciadas nessas experiências, visando à emancipação sociocultural e estética dos aprendentes? Em que consistem essas ações? Como são implantadas? E quais os resultados obtidos em relação aos objetivos educacionais, estéticos e sociais requeridos?

Escolhemos como objetos de análise os projetos: **Territoire em Direct** (*Maison Du Geste et L`image*), situado na região central da cidade de Paris, e as **Pettites Conferences/ Lumières pour enfant** (*Nouveau Théâtre de Montreil*), localizado em um *banlieue* , (Montreil), região periférica da capital francesa. A escolha dos projetos,

quanto a sua localização e sentido centro/ periferia, baseou-se a intenção de fazer uma leitura comparativa de como se dão as práticas realizadas e como elas são aplicadas em diferentes cenários e realidades socioculturais.

Visitas aos locais definidos, observações de práticas em curso, entrevistas, atualização bibliográfica, exame de documentação, principalmente as disponíveis na Web, se constituíram em relevantes meios de investigação da pesquisa, no que se refere às ações analisadas e às visões e concepções de teatro subjacentes ao processo educativo/teatral.

### **A tessitura do processo**

O tema abordado, inserido no campo das políticas públicas culturais com finalidades educativas, teve seu início na França, no final da década de 30, no bojo de um movimento de participação popular mais amplo, que se alastrava pelo continente europeu. Entre várias metas de democratização política reivindicadas, destacava-se uma que apontava para a descentralização das produções e recepções artísticas como condições imprescindíveis ao estabelecimento de um efetivo diálogo com as classes sociais menos privilegiadas e historicamente excluídas dos processos culturais e artísticos deste País.

Ao longo dos decênios seguintes, um movimento gradativo de ações culturais, especialmente teatrais, consolidou-se através desse modelo, provocando um profícuo diálogo com a comunidade, repercutindo de tal forma no imaginário cultural francês, que acabou por demarcar o perfil estético criativo de autores importantes no contexto das artes cênicas. Entre esses, destacamos Mnouchkine e Jean-Pierre Vincent, que ao conceberem suas poéticas teatrais “consideram tão importante ou até mais o fato de renovar sua prática artística quanto estabelecer outra forma de diálogo com a sociedade” (ABIRACHED, *apud* PUPO, 1997, p. 5).

No curso desse processo e inspirados nesses ideais, um grande número de espaços artísticos, principalmente teatrais, passou a investir em projetos visando à construção desse diálogo artístico-pedagógico, que aos poucos foi se consolidando no cotidiano cultural francês e finalmente agregado ao sistema educativo oficial com a nomenclatura de Educação Artística.

É importante frisar que essa ação proposta, tinha como princípio básico uma “Educação Artística” não como formação reservada a uma escolarização específica de

profissionalização, tradicionalmente realizada em conservatórios artísticos franceses; visava a uma ação artístico-pedagógica mais ampla, centrada “na sensibilização aos campos artísticos tanto no espaço escolar como fora deste, no despertar da formação do gosto e do espírito crítico, no encontro com o processo de criação, no desenvolvimento das práticas artísticas e na aprendizagem do espectador” (BORDEAUX, *apud* PUPO, 2009, p.5).

A afirmação desse processo demandou em toda a sua trajetória constitutiva, diferentes concepções e nomenclaturas, refletidas em variadas formulações, moldadas pela necessidade de viabilização econômica sustentável. A partir de 1983, um dos modelos propostos acabou se consolidando em um cenário caracterizado por **ações de parcerias (Partenariat)** entre o setor cultural e o campo de ensino formal. Esse modelo de parcerias, motivo de orgulho dos arte educadores franceses, foi o objeto de nossa investigação na França.

## **LA MAISON DU GESTE ET DE L'IMAGE (MGI)**

A MGI é uma das mais antigas e tradicionais instituições culturais parisienses. Articulada com a diversificada oferta de eventos culturais da cidade destaca-se, nesse quadro de produção cultural parisiense, por propor interfaces entre instituições escolares e culturais, tecendo um efetivo e relevante diálogo entre universos habitualmente separados no campo do conhecimento: escola e arte, professor e artista, pedagogia e criação.

Constituído oficialmente como um centro de pesquisa para a “educação artística” de jovens oriundos, principalmente, do segundo grau das escolas parisienses, centra sua prática no acompanhamento e desenvolvimento de ações arte pedagógicas, articuladas entre professores das mais variadas disciplinas do universo curricular das escolas e profissionais das artes do “espetáculo vivo”. Envolvem-se, nesse universo, todas as intervenções artísticas referentes ao circo, teatro, dança, performance, música, artes visuais, fotografia e, mais ultimamente, às manifestações artísticas recentes ainda não consagradas, como os desenhos urbanos, (grafismos) e o *hip hop*, denominados de “artes da rua”.

Segundo profissionais responsáveis pelas pastas que formulam as políticas culturais e educacionais da *Mairie* (Prefeitura) de Paris, o projeto MGI, “está inscrito

mesmo no coração do projeto de sociedade que a Prefeitura de Paris (*La Ville de Paris*) promove e defende, um projeto no qual os universos da cultura e do ensino se encontram para que, juntos, possam revelar e desenvolver o potencial criativo de cada jovem”, como declarou Girard Cristhophe, assessor do Prefeito de Paris, que é encarregado da pasta cultural *Brossel Colomb*, voltada para a vida escolar e para o desenvolvimento educacional (MGI, 2009, p.1).

Realizando um importante movimento arte educativo na cidade, a MGI adotou como metodologia de trabalho, temáticas ligadas às demandas contemporâneas do público jovem, apontando, invariavelmente, suas concepções artísticas para práticas vinculadas ao pensamento estético contemporâneo. A democratização do acesso aos bens culturais e a afirmação do protagonismo crítico/social são também marcos importantes no processo educativo da instituição.

Reafirmando as expectativas em evidência, desenvolvidas e incentivadas pelo projeto MGI, transcrevemos uma declaração constantemente lembrada pela diretoria da instituição, afirmação essa que, a nosso ver, demonstra a persistência objetivada:

O desejo é grande de descobrir e descobrir-se em seu próprio território. Maior ainda de ampliar, para ir além, conquistar sua própria autonomia. O distanciamento cria por vezes aproximações inesperadas. Os olhares de uns e outros se encontram modificados. As artes, a cultura, a educação são territórios sem fronteiras (MICHEL, *apud* PUPO, 2009, p. 3).

*Territoires en direct* (Territórios ao vivo) é o trabalho atual de referência em desenvolvimento na MGI. Iniciado em 2006, com o propósito de promover intervenções artísticas e culturais dos alunos, habitantes do 19º *arrondissement* (distrito noroeste da região urbana de Paris), esse projeto ampliou-se posteriormente para o *banlieue*, vizinho de *Seine- Saint-Denis*. Essa extensão se deveu ao enorme sucesso obtido junto às duas comunidades, o que acabou se diversificando em ações progressivas com outras comunas limítrofes da cidade.

Apesar das constantes dificuldades encontradas por qualquer instituição que se aventure a desenvolver e a incentivar o intercâmbio entre estabelecimentos escolares e centros culturais, avanços consideráveis em direção a uma cooperação mais efetiva são identificados no conjunto das ações desenvolvidas. Trocas e parceria de bens, refletidas na disponibilização de recursos humanos por competências profissionais, estruturas físicas e uma convivência marcada pela participação recíproca, são realidades evidentes do sucesso do processo protagonizado por esta instituição.

Segundo Panato (2009, p. 2), diretora da MGI, “as portas estão abertas e os contatos se multiplicam”, o que se evidencia na forte presença das instituições culturais parceiras: *Théâtre Paris Villette*, *Lilas en Scène*, *FRAC Île de France/Le Plateau*, *Festival d’Automne*, *Ciné 104 à Pantin*, *MPSS*, *Forum des Images*. O desenho participativo inscrito nesse processo efetiva-se na oferta dos parceiros dos membros da equipe de intervenção, os quais constituem o elo instigador e condutor de todas as ações pedagógicas da Maison.

Concomitantemente, artistas e professores, participam efetivamente desde a concepção do projeto, incluindo etapas de viabilização física, estratégias de aprendizado e preparação dos processos de mediação cultural dos artistas e professores convidados das mais diferentes áreas. Especificamente para os professores, vários encontros de preparação prévia são realizados, quando se analisa o perfil dos alunos, a natureza da disciplina do professor e os temas possíveis de serem escolhidos para o processo criativo.

Para que isso ocorra da melhor maneira possível no processo em curso, uma intensa programação de formação continuada - envolvendo todos os participantes (artistas e professores), além de atividades de avaliação de posturas profissionais, de desempenho e principalmente, discussões sobre novas estratégias metodológicas - se constitui como ações rotineiras dentro do processo MGI.

Também atenta à demanda cultural da cidade, a instituição abre suas instalações regularmente para exposições, representações teatrais ou projeções cinematográficas, estabelecendo as pontes que complementam a rede articulada indivíduo/cidade proposto no processo em curso.

Pupo (2009, p.16), em respeitável relato analítico sobre o alcance contido na metodologia dos processos do aprendizado artístico das ações da MGI, afirmou que

Um olhar atento para os diferentes modelos de intervenção da MGI ajuda a avaliar a amplitude de sua influência e conhecimento acerca dos processos embutidos na aprendizagem artística. O *menu* é considerável: atelier de pesquisa profissional, trabalhos específicos em torno de opções artísticas entre as intervenções e as aprendizagens fundamentadas, trabalhos com alunos por turma nos colégios, oficinas de treinamento de voluntários, acompanhamento educativos inscritos nas atividades culturais, etc.

Um ponto importante nesse processo é a realização de um mapeamento de todos os eventos culturais presentes na programação cultural da cidade, o qual é oferecido aos

educadores pela instituição. Esse horizonte de eventos tem o objetivo de conduzi-los e sensibilizá-los na proposição de pistas para concepção do trabalho, bem como para a identificação de possíveis formas de abordagens.

Avançando no sentido de aprimoramento e ampliação dessas ações, uma outra metodologia identificada, propõe trabalhar em concomitância com os artistas acolhidos na estrutura dos estabelecimentos, em sistemas de *residences*, incentivando ações de intercâmbio entre artistas e estabelecimentos escolares desenvolvidas em oficinas de criação. O projeto “Lilás em Cena” é um desses exemplos de experimentação e criação realizado nesse sistema, reunindo autores, grupos teatrais e alunos do 20º *arrondissement*. *Ateliers*, ensaios, leituras cênicas, exibição de espetáculos em que todas as etapas, da elaboração à recepção de uma obra, são possibilitadas no processo, no sentido de confrontar os olhares dos estudantes em relação a seus percursos escolares e de seus contextos.

Os resultados observados testemunham o processo dialógico de aprendizagem, encontrados sob as mais variadas formatações: vídeos, performances, instalações, exposições e outros. Destacamos, ainda, como procedimentos relevantes para o fator multiplicador das experiências, a publicação de uma série de registros interessantes como *sites*, brochuras, blogs, DVD, CD-rom, postos à disposição do público visando democratizar as experiências desenvolvidas.

No espectro geral das ações atualmente desenvolvidas, destacamos os projetos:

- Oficinas com turmas de 8ª série, descoberta profissional;
- Oficinas em sala de aula com turmas do Ensino Fundamental;
- Opções e orientações artísticas propostas no currículo escolar;
- Oficinas em sala de aula com turmas do Ensino Médio;
- Artistas em residência no meio escolar;
- Ritmo da oficina;
- Oficinas e aprendizagens fundamentais;
- Oficinas de voluntários.

Como afirmação da análise sobre a relevância dessas ações arte educativas, selecionamos uma série de depoimentos de alunos e de professores sobre o processo analisado:

**Collège Saint- Exupéry**

### Frédérique Ribis, (Coordenador do Projeto):

[...] Nós fizemos a lista dos anseios, desejos e medos de cada aluno. Nós procuramos identificar os campos sobre os quais gostariam de se expressar e os temas que gostariam de abordar. A lista era comprida e a proposta feita foi que uma palavra geraria outra, que um movimento geraria outro. Uma imagem, um som ou uma música carregaria um objeto, induziria a um percurso, como uma série de dominós em movimento.

Entre Tanguy e Stockhausen, tudo era possível e nós tínhamos tudo: alunos músicos, cantores, autores, repórteres ou fotógrafos. Um *plateau* de televisão, um estúdio de gravação, câmeras, ilhas de edição inteiramente dedicadas ao projeto. Técnicos a escuta e capazes de realizarem nossos mínimos desejos. Professores engajados, polivalentes e canalizadores de energia. E os olhares críticos, construtivos e norteadores dos membros da MGI que zelavam por nós.

A escuta e o acolhimento dado aos universos e propostas de cada um, foi nosso único motor para o trabalho. Veio então o terrível momento das escolhas, o engajamento frágil dos corpos expostos e as palavras íntimas reveladas e endereçadas a um público. Adotar, afastar, transformar cada proposta, em um tempo mínimo, na urgência de cinco dias de criação, tudo isto nos dopou literalmente a cada etapa do trabalho.

Funcionou! E quando conseguimos nos distanciar um pouco da forma, porque ela assume uma forma, isto provoca até mesmo arrepios. Um aluno disse: “Tenho a impressão que a MGI é um prédio sem ventilação”, no entanto, o sopro interior que o atravessa, nestes momentos, traz todo o oxigênio necessário para nossas emoções.

### Alunos do Collège Saint-Exupéry:

“Este estágio é uma verdadeira descoberta para todos. Guardo excelentes recordações. Primeiramente, do encontro com Frédérique Ribis, e também do fato de criarmos juntos, com as ideias e o trabalho de todos. ”

“No espetáculo, mostramos a vida cotidiana, monótona e bastante repetitiva, onde nada acontece. ”

“Muitos espectadores ficaram emocionados por nossas interpretações e pelo tema tratado. ”

“Eu adorei o trabalho de equipe e a ajuda mútua entre todos os participantes da turma. Também aprendemos a ouvir as ideias dos outros. ”

“Estou muito feliz por ter participado deste estágio que me permitiu vivenciar uma experiência única e abordar um universo desconhecido e novo para mim. ”

### **Depoimentos de alunos do Collège Évariste Gallois:**

“O teatro, experiência única e mágica. As cortinas se abrem, nossos corações despertam... Nós interpretamos Don Quixote, adentramos neste personagem singular, e de tanto ensaiar, terminamos perdendo um pouco a razão, como ele. ”

“A oficina me fez descobrir o teatro, onde podemos nos expressar poeticamente ou nos soltar. É uma arte por si só. Quando fazemos teatro, as barreiras desaparecem, é um mundo que podemos moldar. Don Quixote é um personagem de poesia, cujos sonhos todos são realidade, e que nos leva para um mundo sonhado. ”

### **Palavras de alunos do Lycée Paul Robert:**

“Faz dois anos que participo da oficina de teatro. Faz dois anos que me ensinam a interpretar, a rir, a chorar, até mesmo a respirar (!) uma vez por semana. Dois anos de exercícios e de aquecimentos estranhos. “Corram para todos os lados, gritem um *slogan* e formem um grupo! ”

“No fundo, o que é o teatro? É a passagem do real para a imitação da realidade. Nos encontramos em um real factício que obviamente quer transmitir alguma mensagem. Eu ouvi muito dizer a minha volta que os atores eram totalmente loucos. É porque provaram demais desta droga que vos retira dessa realidade entediante, e que não conseguem mais distinguir as duas realidades, os dois estados. Esta ambrosia vermelha, provo dela toda semana e espero poder encontrá-la durante muito tempo ainda (não me obriguem a abstinência!). ”

Esses depoimentos evidenciaram não só a sintonia do processo de compartilhamento (*partenariat*) com a qual essas atividades do projeto eram desenvolvidas, como também sua aceitação pelos alunos e sua contribuição para o desenvolvimento da autonomia estética desses, numa linha crítica. Era nítida a negação da idéia de aluno como uma “tábula rasa”, aproximando-se dos pressupostos defendidos em nossa investigação em termos de uma educação que transcenda os bancos escolares, de modo a que a arte não seja vista como algo separado da vida, nem o Teatro seja tido como uma mera encenação a ser cumprida em eventos festivos escolares.



## NOUVEAU THÉÂTRE DE MONTREUIL (TJS)

Dirigido atualmente pelo ator Gilbert Tsai, esse espaço teatral público sobrevive através de subvenções do Ministério da Cultura e da Comunicação da *Mairie* (Prefeitura) da cidade de Montreuil e pelo Conselho Geral do Departamento de *Seine-Saint-Denis*, região periférica de Paris.

Instalado sobre uma área construída com cerca de 2600 m<sup>2</sup>, esse espaço é integrado à paisagem histórica da *banlieue* parisiense, caracterizado por uma forte tradição de seus habitantes em ações políticas significativas desde o início do século passado. Permanece, até hoje, como palco de grandes debates e manifestações em torno das questões políticas e sociais do país.

Como traço comum a todos os teatros parisienses, o *Nouveau Théâtre de Montreuil* (TJS) firmou suas intenções para uma política de incentivo à formação de espectadores, efetivada através de uma vasta programação com temáticas caracterizadas pela pluridisciplinaridade de suas produções culturais. A política de suas produções se destaca pelo incentivo e pelo acolhimento a grupos iniciantes/amadores e também pela implementação de uma política específica de incentivo ao uso dos espaços da instituição pela população, através de tarifas mais acessíveis direcionadas aos habitantes de Montreuil. Ele é organizado em um sistema idêntico ao do Tick´art, uma espécie de “cartão fidelidade”, largamente usado em Île de France, onde se situa a maioria dos teatros e centros culturais da região central de Paris.

Em suas programações cotidianas, dentro do espectro anual, uma série de ações culturais teatrais é oferecida ao público em geral e, especialmente, ao público estudantil, a partir de sugestões dos frequentadores do teatro, através de um sistema virtual, o *TheatreOnline*. Nesse propósito, fazem parte regular do cardápio de ofertas culturais do TJS: ateliês de criação, apresentações de espetáculos, ensaios abertos, palestras, exposições, filmes, palestras e outros eventos, realçando as expectativas e desejos propostos pelos espectadores da *banlieue*.

Outra preocupação identificada nas produções é sua persistente intenção política de quebrar a dicotomia centro/ periferia, de transcender a geografia e a ordem hierárquica entre esses espaços, incentivando o sentimento de pertencimento, de auto-estima e de inclusão cultural.

Nesse sentido, reafirma-se, categoricamente, um “velho bordão” das lutas pela igualdade de acesso e pela produção cultural em Paris: “Não existe mediocridade nos *banlieues*, o que existe é que o mal social, é traduzido e compreendido ao pé da letra nos *banlieues*” (LANVERS, *apud* PUPO, 2009, p.6).

Como desdobramento dessas produções do TJS, identificamos várias ações em curso, envidando a participação do público em geral e principalmente do universo escolar nos eventos promovidos, citados abaixo:

- a) Encontros com o público após os espetáculos, em um sistema de visitas acompanhadas às instalações do teatro, visando uma mediação acerca da compreensão desde a concepção, produção e recepção dos eventos ou produções teatrais acontecidas;
- b) Oficinas sucessivas durante vários meses do ano, coordenadas por um ator designado para ficar a disposição de todos os interessados na arte do espetáculo;
- c) *Workshop* de criação, compreendendo trabalhos de aprendizagem de preparação de atores, improvisação de cenas, exercícios de sensibilização e de construção de textos cênicos;
- d) Promoção de eventos culturais, objetivando a formação de espectadores, onde as famílias dos alunos são convidadas, juntamente com os professores das escolas a assistirem aos espetáculos teatrais e depois, juntamente com o elenco debaterem livremente os vários focos de entendimento da peça;
- e) Intervenções em hospitais de grupos formados no projeto a partir de temáticas inclusivas;
- f) Preparação de textos teatrais para serem apresentados nas escolas, em contrapartida à obrigatoriedade dos professores levarem os alunos para assistirem outras peças durante o ano letivo;
- g) *TheatreOnline*, espaço aberto, visando estabelecer um diálogo direto com o público internauta sobre a programação do espaço cultural, bem como, ouvir críticas e sugestões ([presse@theatreonline.com](mailto:presse@theatreonline.com)).

A metodologia abordada no projeto evidencia a preferência pelas visões épicas e contemporâneas do teatro, preferência essa identificada nas abordagens pluridisciplinares e no estímulo à formação de espectadores. Gilbert Tsai, diretor e

também responsável pelas relações com os estabelecimentos escolares e com a programação do projeto, afirmou que entre as preocupações que guiam a programação oferecida, a proximidade com as demandas juvenis configuradas em suas formas de leitura e de expressão cultural se constitui como ponto-chave do processo cultural do TJS.

Entre os variados projetos em andamento, destacamos as *Petites Conferences* como uma das mais relevantes do universo das programações, na medida em que trabalha os mais variados temas numa perspectiva de formação política, estética e histórica dos alunos das escolas, em seus períodos iniciais de aprendizado.

A seguir, apresentamos o programa de divulgação das *Petites Conferences*, para o período 2009/2010, época de nossa pesquisa:

Agora virou rotina: um sábado por mês, os alunos freqüentam uma escola diferente das outras, onde ouvem adultos sérios, e que os levam a sério; eles lhes contam histórias ainda mais maravilhosas por serem verdadeiras. Elas caminham rumo ao desconhecido, elas alcançam o lado fantástico da realidade, elas levam ao coração do mundo e de sua história.

### **Cronograma dos Eventos**

Conforme o TJS (2010), a programação das *Petites Conferences* é divulgada no seguinte formato:

-Sábado 10 de outubro de 2009, às 15 horas: Um zôo robótico para o futuro? A inteligência artificial, os robôs, são campos fascinantes e, no entanto, mal conhecidos. Oriundos da ficção científica, presentes na pesquisa, *animats* (animais artificiais) puseram-se a rastejar, a voar, a mudar de rumo e até mesmo a reagir e interagir com seres humanos. Quem são eles na verdade e para que servem? É o assunto do qual nos falará Agnès Guillot, para uma abertura de nossas já tradicionais *Petites Conférences*, exótica pesquisadora especialista dos “*animats*”. Por Agnès Guillot, professora titular em Paris X e Paris VI.

- Sábado 21 de novembro de 2009, às 15 horas: Nascer animal, ser humano. O homem gosta de se vangloriar por sua singularidade, pelos seus méritos excepcionais, pelo seu cérebro, mas é como se pretendesse ter rompido inteiramente com o mundo animal. No entanto, decorremos de uma longa evolução e portamos em nós elementos dos nossos primos animais. Onde estão, em nós, estes rastros, e será que ainda evoluiremos? Tal será o tema abordado por Jean-Baptiste de Panafieu, professor especialista em ciências biológicas e autor de várias obras de sensibilização à vida. Por Jean-Baptiste de Panafieu, escritor científico.

-Sábado 12 de dezembro de 2009, às 15 horas: Esculpir. Criar formas com suas próprias mãos, se aproximar do mundo tocando-o, pensar nas matérias, nas forças que as permeiam, trabalhar com estas forças, com o tempo, a seiva, a memória, os odores... Giuseppe Penone, um dos mais importantes artistas atuais, cujas obras exercem um poder imediato, virá nos explicar como, muito jovem, junto às árvores, se tornou escultor e o que isto significa para ele, hoje, em nosso mundo. Por Giuseppe Penone, escultor.

-Sábado 16 de janeiro de 2010, às 15 horas: Histórias de universos, visível e invisível. O sol, as estrelas, a Via Láctea, as galáxias e o conjunto das galáxias, o universo. Um misto composto de matéria, de luz e de elementos invisíveis. Mas o que são estes elementos e qual a história destes compostos, a história deste universo misterioso onde, no entanto, habitamos e que nos fascina assim que olhamos para o céu à noite. Michel Cassé virá nos contar a mais longa de todas as histórias, e que também será a mais longa de todas as viagens. Por Michel Cassé, astrofísico.

-Sábado 6 de fevereiro de 2010, às 15 horas: As origens do homem. Um estudo mais sério e mais aprofundado dos nossos ancestrais sucede às imagens comuns da pré-história, e nos faz voltar mais distante ainda no tempo. No entanto, da mais longínqua origem que possamos situar, até os tempos atuais, quais foram os caminhos percorridos pelo homem? A evolução cultural desviou ou freou a evolução biológica? Uma história e perguntas vertiginosas, das quais Yves Coppens, o grande paleo-antropólogo, é o entendedor - e contador - incontestável. Por Yves Coppens, paleo-antropólogo.

- Sábado 27 de março de 2010, às 15 horas: Agulhas, cumes e picos. A alta montanha! Magníficas imagens, mas um mundo estranho, difícil e desconhecido, no fundo. O que é exatamente, este mundo, e como pode ser tão instigante para que dediquemos até mesmo a própria vida a ela? É o que virá nos contar Claude Jaloux, guia de alta montanha, antigo presidente do sindicato dos guias de Chamonix (dep. de Haute-Savoie) e organizador de excursões e expedições em alta altitude e no mundo inteiro. Por Claude Jaccoux, guia de alta montanha.

- Sábado 10 de abril de 2010, às 15 horas: Por que falar outro idioma? Cada um nasce em meio à(s) língua(s) falada(s) à sua volta. Mas, o que é uma língua “materna”? E o que acontece quando se aprende outra língua? E por que aprendemos outra? Se cada língua desenha um mundo, o que se desenha quando falamos várias línguas? O que acontece de uma língua para a outra? E por que compreendemos melhor o que dizemos quando sabemos que isto pode ser dito de outra maneira em outro lugar. São estas as questões – cotidianas – abordadas por Barbara Cassin, filósofa e diretora de pesquisa no CNRS (Centre National de Recherche Scientifique). Por Barbara Cassin, filósofa.

- Sábado 22 de maio de 2010, às 15 horas: O finito e o infinito. Em 1996, Alain Badiou escreveu toda uma série de pequenas cenas (são 34) destinadas às crianças, cada qual apresentando alguma ideia filosófica. A maior parte destas cenas já foram apresentadas sobretudo em peças dirigidas por Christian Schiaretti. A décima segunda cena chama-se “O infinito”. O infinito, o que não tem fim, é o que há de mais cotidiano: é aqui que habitamos, o mundo, o tempo, os números, não os controlamos. No entanto, nós somos seres finitos, estamos cercados de limites, temos um fim. Pensar no infinito nos dá vertigem... E nos mantém em pé. São estas as estranhas relações, estas eternas questões que Alain Badiou, um dos mais importantes filósofos da atualidade, virá nos fazer explorar. Por Alain Badiou, filósofo.

Dos projetos analisados em Paris, o processo em curso no *Nouveau Théâtre de Montreuil* (TJS) destaca-se pelo contexto político favorável, incentivado pela tradição de participação política da comunidade, em sua grande maioria simpatizantes ou militantes de partidos de esquerda, especialmente o partido comunista francês. A título de comprovação desse “cenário favorável”, fator preponderante para o desencadeamento das políticas educativas, sociais, econômicas e culturais de Montreuil

citamos um exemplo que se destaca no panorama de eventos culturais exitosos que acontecem anualmente no mês de dezembro nessa cidade limítrofe de Paris: o “Salão do Livro Infanto-Juvenil de Montreuil”. Aberto à visitação ao longo de seis dias, o Salão de Montreuil recebe a visita de cerca de 150 mil pessoas. “Aberto gratuitamente para as escolas, cerca de trinta mil crianças visitaram o evento no ano passado” (LE MONDE, 2010).

A guisa de conclusão entendemos que os cenários investigados nas experiências culturais da Educação Artística francesa, apontam perspectivas para o processo de ensino aprendizagem artístico brasileiro e de outros países, na medida em que apresentam exemplos exitosos tecidos na interface entre instituições escolares e culturais e um bem estruturado sistema de redes de parcerias. O sucesso preconizado desse processo de mediação de acesso aos bens simbólicos, se afirma pelo diálogo aberto entre o setor cultural e o campo de ensino formal, onde todas as etapas das ações são compartilhadas visando possibilitar que artistas, professores e estudantes confrontem suas idéias, através de seus olhares durante os percursos criativos.

O impacto identificado, dessas ações realizadas nos contextos de seus espaços estéticos, culturais e educacionais, reflete o saldo positivo em relação ao alargamento de fronteiras culturais, sociais e individuais daqueles para os quais o desafio que o ensino artístico se propõe.

#### **Referências Bibliográficas:**

ABIRACHED, Robert (org.) **La décentralisation théâtrale. Le temps des incertitudes : 1969-1981.**

ANRAT, **Actes Sud Papiers**, 2005.

BRASIL, Ministério da Educação. **Orientações Curriculares para o Ensino Médio-Linguagens, códigos e suas tecnologias.** Brasília: Secretaria de Ensino Básico/MEC, 2006.

CERTEAU, Michel de. **A cultura no plural.** Campinas: Papyrus, 1995

MGI. Maison du geste et de l’image et Duperré. **Relatório do Projeto de Teatro.** Trad. Chopart Olivier, 2009.

PUPPO, Maria Lúcia de S. B. **Le théâtre et la cité : enjeux contemporains.** Paris :Atelier de Recherche sur l’Intermédialité et les Arts du Spectacle – ARIAS, 2009.

RIBEIRO, José M. **Assim no Teatro como na Vida : experiência estética, leitura de mundo e consciência cidadã.** Tese (Doutorado).Escola de Teatro da UFBA, 2011.

TENDLAU, Maria. **Teatro vocacional e a apropriação da atitude épica/dialética.** São Paulo: Hucitec, 2010.

TJS. **Brochura de divulgação do TJS.** Trad. Chopart Olivier, 2010.

SITES : <http://www.mgi-paris.org/>

<http://www.nouveau-theatre-montreuil.com/>